

HISTÓRIA DA SEXUALIDADE FEMININA

Pessoalmente, sempre mantive certa inquietude no que diz respeito ao desejo de estudo e compreensão quanto à sexualidade humana, pois que, quando criança se falar sobre a sexualidade ou ouvir qualquer referência a respeito não era permitido. Com os pais ninguém se aventurava em fazer qualquer questionamento, medo de castigos, repreensões era grande e a curiosidade permeava o ambiente, sabia-se apenas, que havia algo de proibido. O que se aprendia era através do senso comum, contudo, mesmo após alguns conhecimentos percebia que as pessoas de um modo geral, apresentavam dificuldades nessa área e assim as minhas dúvidas permaneciam e cresciam, na época conclui que as dificuldades iam além da proibição de uma fala, de um comentário na frente de crianças, então comecei a observar que ao se falar sobre sexualidade em qualquer ambiente levava as pessoas a atitudes jocosas, brincadeiras maliciosas, a excitação era e é geral. Adentrei ao curso de Psicologia e ao concluí-lo enveredei pelo caminho da clínica, e nela me deparei com o relato de diversas mulheres que traziam conflitos na maioria das vezes relacionados a sexualidade, o que me incentivou mais ainda a estudar o tema em questão.

Os registros sobre a sexualidade humana são pré-históricos. A exploração do tema é visto desde a mitologia Greco-romana, aos dias atuais, como em telenovelas e filmes e mais ainda através da internet e até mesmo no que não é dito como sugere a psicanálise. Porém são grandes as transformações sócio-culturais, os hábitos e costumes passaram e passam por grandes transformações.

E é diante desta realidade é que me proponho a uma pesquisa que em muito tem a oferecer a comunidade acadêmica, não apenas como uma forma exploratória, sem uma finalidade específica, mas, sobretudo com caráter de agente multiplicador para as diversas áreas afins.

A Organização Mundial define como sexualidade “uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, tocamos e somos tocados; é ser sensual e ao mesmo tempo sexual, ela influencia pensamentos, sentimentos

Como função social, a sexualidade se transformou em uma necessidade humana para a manutenção da espécie. Sem exagero, podemos dizer que sempre se pensou assim, até o século passado ou início deste; para categorizar a sexualidade, valiam os estudos anatômicos e as regras morais da religião dominante.

Sexo é sinônimo de gênero. Neste sentido, sua determinação é anatômica, apenas isso. Não determina nem explica a sexualidade, muito menos a atividade sexual. Este gênero, definido, permite dividir a humanidade em masculinos e femininos.

Atividade sexual é o que acontece quando os sexos se relacionam, ou, quando o sexo se relaciona, estabelece a atividade sexual. Nesse sentido, existem tantas formas de relacionamento sexual quantas são as possibilidades de relacionamento humano.

Dentro da visão psicanalista, a sexualidade é entendida como núcleo de todo o comportamento humano, responsável pelas realizações, frustrações e motivações individuais. No behaviorismo, a função sexual é vista como necessidade primária, sendo também responsável pelos condicionamentos que se fazem em função dos estímulos ambientais, englobando-se aí cultura e sociedade; desse modo, também no behaviorismo, a sexualidade é núcleo formador da personalidade humana. No gestaltismo, é uma resultante do relacionamento com o outro, decorrente da percepção de si mesmo; nesse sentido, ela não é preexistente. De acordo com a visão antropológica a sexualidade humana se manifesta através de padrões historicamente determinados, donde sua dinamicidade temporal e diversidade espacial e performática.

A sexualidade humana é um construto cultural, tanto quanto os hábitos alimentares e corporais. Nascemos machos e fêmeas e a sociedade nos faz homens e mulheres. Mais ainda: O ser masculino e o ser feminino variam enormemente de cultura para cultura, modificando-se substantivamente ao longo das gerações dentro de uma mesma sociedade.

Dentro de um mesmo contexto social, também estes conceitos sofrem severas modificações de geração a geração. Ou seja, nossa sexualidade está sujeita aos costumes. Sendo assim, vamos ver superficialmente por não ser o nosso foco específico da pesquisa a sexualidade ao longo da história.

Na pré-história, era comum entre os povos, o falicismo, ou seja, o culto ao falo (pênis) e ao yoni (vulva)². Eles celebravam o sexo. Envolvendo tudo numa aura de magia e encantamento, divinizando objetos/coisas, criando totens e tabu.

Houve uma época em que a mulher possuía um lugar de destaque. Em alguns pequenos grupos se encontra aqueles que ainda vivem da caça, da pesca e da coleta de frutos locais. Segundo Muraro M. Rose, esses grupos primitivos são encontrados na África Central (Indonésia)³. A mulher é considerada por eles como um ser sagrado, uma vez que o papel de gerar outros seres cabe a elas. Ambos os sexos administravam juntos o seu espaço. Porém, sentimentos de inveja era presente para a figura masculina.

Essa primitiva inveja do útero dos homens é antepassada da moderna “inveja do pênis” que sentem as mulheres nas culturas patriarcais mais recentes. Mouraro, m. Rose⁴

O matricentrismo era representado nas primitivas mitologias, a grande Mãe, como permissiva, amorosa e não coercitiva, diferentemente do deus único na formação das culturas em que o patriarcado se estabelecia. A exemplo de Javé, um deus ditador, centralizador e punitivo. A partir daí houve um rompimento da harmonia, do humano com a natureza, em uma época onde se podia viver prazerosamente.⁵

A representação ancestral do feminino como origem do mundo não configurou apenas os mitos de criação posteriores, mas em todas as civilizações, como está na raiz das figuras mitológicas de Isis, Afrodite, Vênus, Istar e Baalar. Na antiga Babilônia era comum o culto a deusas da fertilidade envolvendo rituais sexuais (juízes, 2.3 – 37.39 – Deuteronômio 20.18) Entre os Babilônicos a prática sexual era uma forma de arrecadar oferendas para a deusa protetora das colheitas.⁶

² Sprenger James, KRANER, Heinch. Int MURARO ,M. Rose **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes – Ed. Sexta – Ed. Rosa dos Tempos.

3. Op.cit. 2

4 Op.cit.2

5 Op..cit 2

6 Op.cit 2

Chegou um determinado momento em que o homem começou a “PARIR” ritualmente, tomando assim seu lugar na cadeia das gerações. O poder da mulher foi decaindo com o desenvolvimento sócio-cultural e tecnológico. A relação entre os dois gêneros era mais amigáveis, contrária ao que viriam a ser as futuras sociedades patriarcais. Houve um tempo onde não havia guerra, nem desejo de conquistas territoriais até mesmo por falta de um número populacional que lutasse por espaço, por terras. Devido a falta de alimentos, começou a busca por novos territórios e a caça de animais de grande porte, começando assim a competitividade. As guerras passam a ser uma constante, em busca de alimentos e os homens mais fortes, passam a ter um destaque. *“Os homens mais valorizados são os heróis guerreiros”*⁷.

A falta de conhecimento dos homens acerca da sua capacidade reprodutora e a certeza de que as mulheres ficavam grávidas dos deuses, foi o que impediu o homem de romper definitivamente com o poder feminino e ela ainda tinha um domínio e um poder de decisão frente aos seus grupos.

No período neolítico o homem percebe sua função biológica reprodutora e passa a controlar a sexualidade feminina. Neste período surge então o casamento, onde a mulher passou a ser propriedade do homem e a herança através da descendência masculina. Este período ocorreu por volta de 10.000 ou 8.000 a. C. . Encontramos na Bíblia relatos sobre as sociedades pastoris que exemplificam perfeitamente este período, nesta ocasião ocorria também o avanço tecnológico, o homem fundia metais, posteriormente eram fabricados armas e outros instrumentos que auxiliavam no arado e cultura de terra. De acordo com Muraro as mulheres foram possivelmente as primeiras plantadoras, ceramistas e de acordo com antropólogos os primeiros humanos a perceber a natureza em ação, através do ciclo do seu próprio corpo. *“ Os homens com a invenção do arado sistematizam as atividades agrícolas.”*⁸.

⁷ Sprenger James, KRANER, Heinch. **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes Ed. Sprenger James, KRANER, Heinch. Int

⁸ Op.cit 7.

As aldeias, cidades, cidades-estado, surgem através das antigas sociedades nômades que foram obrigadas a serem sedentárias. A partir daí estas sociedades passam a ser patriarcais, ou seja, os novos valores e sua transmissão ficaram a encargo dos homens. O grande número de filhos era importante para uma sociedade onde a lei era a do mais forte. Sendo assim eram filhos em um momento e filhos-soldados em outro e mais mão-de-obra barata. A sexualidade não era mais liberada como fora outrora, a sexualidade feminina era rigidamente controlada pelos homens. Havia normas e regras severas e qualquer transgressão destas, podia significar a morte, como por exemplo: A mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido, adultério, filho que não fosse do marido eram transgressões inaceitáveis. A mulher passa a ser totalmente submissa e depende em todos os aspectos do homem, sem vez e voz para qualquer assunto, tanto no âmbito público, como privado. A mulher passa a ser subserviente e submissa até hoje, com menos intensidade em algumas culturas. Na etapa cronológica da história humana os mitos são divididos em quatro grupos e eles correspondem a cada etapa. Na etapa primeira quem cria o mundo sem ajuda alguma é uma deusa, Na segunda etapa o mundo é criado por um deus andrógino ou casal criador, No momento seguinte, um deus do sexo masculino retira o poder da deusa ou constrói o mundo sobre o corpo da deusa primordial, Na etapa final o deus macho cria o mundo sozinho. As etapas descritas mostram a passagem da etapa matricêntrica para a fase patriarcal. Ao longo da história raramente se tem registros de mitos em que a divindade primária seja mulher⁹.

Na idade média, conceitos religiosos mudaram a visão humana sobre a sexualidade, principalmente no que diz respeito a sexualidade feminina. O padrão ético/moral desta época era imposto pelo cristianismo da igreja católica. A idéia de virtude dependia da nossa relação com Deus. Uma vez que todos eram maculados pelo pecado original, nosso livre arbítrio era impulsionado para o mal.

Com necessidade do trabalho árduo nas culturas de coleta, o controle por uma figura central era mais intenso, não deixando de haver punição as diversas

transgressões., na repressão da sexualidade e do próprio prazer. Daí surge o pecado original, a culpa máxima na Bíblia, e colocado no ato sexual.

⁹ Sprenger James, KRANER, Heinch. Int MURARO ,M. Rose **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes – Ed. Sexta – Ed. Rosa dos Tempos.

Surge então a divisão entre sexo e afeto, entre corpo e alma, da razão e da emoção . É extinta nessa época a relação de integração entre homem e mulher, surgindo uma nova etapa a da dominação. O desejo dominante agora é o do homem e o da mulher foi reprimido como forma de castigo. Daí em diante a mulher será definida, por sua sexualidade, e o homem, pelo seu trabalho.

Segundo Uta Ranke “ As mulheres eram um perigo moral tanto maior, quanto mais a liderança da igreja insistia em compelir os padres ao celibato.” Ranke afirma que existia uma verdadeira fobia de mulher. Nos é colocado ainda que essa visão trouxe traumas significativos para as mulheres¹⁰.

Santo Agostinho (354-430) era um dos que defendia a idéia do pecado original. A sua abordagem sobre o sexo deixou profundas cicatrizes na nossa civilização. Foi ele um dos responsáveis pela idéia do sexo, pecaminoso, que o sexo mesmo no casamento, é mau¹¹.

Paulo foi um que mais colaborou com “demonização” do sexo. Paulo condenava o sexo como a melhor forma de agradar a Javé¹², colocava que a tentação da carne era uma mal a ser combatido e que só poderia ser aplacada com o casamento, que mais tinha o sentido de permissão divina do que ordem.

Os conceitos religiosos da época fizeram com que o sexo fosse “demonizado”, considerado prática suja, pecaminosa, os homens passaram a odiar o seu objeto de desejo (as mulheres) e assim elas foram bruscamente rebaixadas, associadas a idéia de tentação, de libertinagem, ávidas por desejos carnis e um dos instrumentos para deter tal luxúria feminina era o cinto de castidade.

Durante a Idade Média toda e qualquer mulher que conseguia poder(conhecimento), passavam gradativamente a ser considerada bruxa. Bruxa em significa “mulher sábia”. As bruxas eram denominadas sábias, até a Igreja lhes atribuir o significado secundário de mulheres dominadas por instintos inferiores.

10 UTA, Ranke – Heinemann – **Eunucos pelo Reino de Deus**

11 11' Prophet, C.E., **Reencarnação, o Elo Perdido do Cristianismo** – 6ª Ed. – Ed. Nova Era – RJ 2006 -(p. 217)

12 12Sprenger James, KRANER, Heinch. Int MURARO ,M. Rose **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes – Ed. Sexta – Ed. Rosa dos Tempos.

Sem mito algum, as bruxas eram apenas mulheres que conheciam e entendiam do emprego de ervas medicinais para cura de enfermidades, e colocavam em prática seus conhecimentos nos vilarejos onde habitavam. Com a chegada do Cristianismo, começando a imperar a era patriarcal, as mulheres foram colocadas em segundo plano e tidas como objetos de pecado utilizados pelo diabo.

Muitas mulheres não aceitaram essa identificação e rebelaram-se. Essas, dotadas de poder espiritual, começaram a obter novamente o prestígio que haviam perdido o que passou a incomodar o poder religioso. Assim acusar uma mulher de bruxaria ficou fácil, bastava uma mulher casada perder a hora de acordar, que o marido a acusava de estar sonhando com o demônio.

Segundo Whitmont, C. Edward a situação da mulher dentro do Cristianismo primitivo foi de relativa liberdade e de crescente atividade, o que demonstra o papel desempenhado por aquelas que acompanham Jesus, e posteriormente, as amigas do apóstolo Paulo¹³.

A mulher apresentada por Paulo deveria ser silenciosa, sem direito a palavra, só o marido deveria aparecer publicamente. O Apóstolo propôs subserviência física e clausura de idéias. e foi esse o modelo seguido pelas orientações eclesiástica. Silenciar as mulheres, a idéia era a de que os homens sozinhos se bastavam e as mulheres foram transformadas em seres desprezíveis, imbecis e patéticos¹⁴.

Os homens receberam como orientação da igreja, buscar o divino afastando-se dos cuidados do mundo, das trivialidades, do choro das crianças e do estorvo de casa. A igreja ao mesmo tempo em que trazia para seu interior físico os separava, negando direito de viver o evangelho em sua plenitude. Na Idade média os escritos clérigos comprovariam isso por meio de uma explícita aversão ao

feminino¹⁵. A mulher foi criada mais frágil, a partir da costela de Adão. Sendo assim estaria ela mais propensa ao mal. Consideradas como seres, mais pecadoras, pois descendiam de Eva, a que levou toda a humanidade a cair.

¹³ WHITMONT, C. Edward. **Retorno da Deusa**. Trad. De Maria Silva Mourão – São Paulo: Smmus, 1991

¹⁴ Prophet, C.E., **Reencarnação, o Elo Perdido do Cristianismo** – 6ª Ed. – Ed. Nova Era – RJ 2006 - (p. 217)

¹⁵ Op.cit 12

No séc. IX, com a institucionalização do casamento pela igreja, os papéis da maternidade e de boa esposa passaram a ser exaltadas. Criou-se uma espécie de pedagogia da salvação feminina baseada nos modelos femininos personificados em Eva(a pecadora), Maria(a santidade e a perfeição) e Maria de Madalena (a pecadora arrependida).

Os fins do mundo medieval a princípio do moderno trouxeram a caça às bruxas e a intensificação da inquisição contra as mulheres. A caça às bruxas pode ser definida como uma perseguição religiosa e social. Entre 1550 a 1650 foram queimadas várias mulheres a maioria na Europa, principalmente onde havia conflitos entre católicos e protestantes, o número de mortes oscila entre 50 mil e 100 mil. Através de um manual que foi escrito por monges em 1484, para auxiliar os Eclesiastes oficiais da igreja a reconhecer as bruxas e torturá-las. As mulheres eram as mais visadas, pois eram mais propensas a feitiçaria, 80% dos acusados foram mulheres¹⁶.

No livro da Gênese se percebe claramente a cultura patriarcal, colocando a mulher de uma forma submissa, dependente, reprimida. Dentro desse contexto a mulher é vista como tentadora do homem. A visão de mulher é de carne, sexo, prazer, daquela que não tem domínio sobre si e traz situações conflitantes para os homens, é transformada em demônio. O sexo é o pecado supremo¹⁷.

No século, IV quando o cristianismo se tornou religião, os homens iam as guerras e volta não era certa, as mulheres tinham que tomar por vezes tomar decisões diversas que surgiam, fazendo com que elas se destacassem no mundo das decisões. Quando voltavam, os homens retomavam o comando, deixando a mulher novamente em situação de submissão. A repressão sistemática do feminino

ou seja a caça as “bruxas”¹⁸ ocorreu no período que vai do fim século XIV até meados do séc. XVIII. Na Idade Média o conhecimento das mulheres é alargado, elas tinham saber a cerca da anatomia humana. O fato de elas cuidarem umas das outras através de ervas medicinais restabelecendo a saúde, tanto do corpo, como da alma, fato que ocorria desde a mais remota antiguidade.

16 Srenger James, KRANER, Heinch. **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes – Ed. Sexta – Ed. Rosa dos Tempos.

17 Op.cit 15

18 Op.cit 15

A posse de tais conhecimentos, necessários a época passaram a representar uma ameaça, pois eram detentora de um poder que fazia com que os homens a temessem. No final do séc. XIII, o sistema feudal sentia a necessidade de mudança. Perceberam que o sistema teria que ocorrer de forma mais rígida, centralizada, hierarquizada e mais moderna. Surgiu ai a noção de pátria¹⁹

Para que essa nova forma de governo fosse de fato estabelecida, começou uma verdadeira devastação e tortura através dos tribunais da inquisição, julgando heréticos ou bruxas, principalmente as mulheres. O controle sobre o corpo e a sexualidade eram pontos de preocupação deste sistema.

No século XIX, na era Vitoriana houve muita repressão e o combate a permissividade foi muito intensa e rígida, á repressão aos desejos sexuais, porém paradoxalmente, abria-se espaço para o início da sexologia, bem como para as investigações de Freud.. Assim a prostituição e foi iniciado um controle médico as prostitutas.O casamento foi legalizado²⁰

Temos ai o surgimento do puritanismo, porém, para se chegar a esse ponto ocorreu muita barbaridade. Os quatro séculos de perseguição as bruxas e aos heréticos, foi um período de muita dor e sofrimento que a classe dominante impunha sobre as demais para chegar ao poder. Na época a transgressão da fé era também, transgressão política. Não foi difícil ligar a transgressão sexual que ainda se fazia presente nas massas populares a transgressão da fé, obra e feito dos inquisidores, direcionando as mulheres todo tipo de transgressão. No livro O Martelo das Feiticeiras temos como interesse mais específico, alguns pontos tratados pelo referido livro, que é a questão de que o demônio domina o corpo através da

sexualidade, sendo ela ponto mais vulnerável de todos os homens. Desta forma as mulheres passaram a ser alvo de perseguição na Idade Média.

¹⁹ Srenger James, KRANER, Heinch. **Martelo das Feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes – Ed. Sexta – Ed. Rosa dos Tempos.

20 WHITMONT, C. Edward. **Retorno da Deusa**. Trad. De Maria Silva Mourão – São Paulo: Smmus, 1991

Segundo Edward C. Whittmont a mulher passou por uma repressão muito forte com relação a sua sexualidade, sendo também submissa dentro de uma cultura patriarcal. “ *A mulher é a confusão do homem, uma besta insaciável, uma ansiedade constante, um fogo bélico incessante, uma ruína diária, o domicílio da tempestade, o obstáculo a devoção.*” Apud (O espelho de Vicent de Beauvoir) -

Edward C. Whitmon ²¹. Através desta citação vemos claramente que a mulher em um determinado momento da nossa civilização em uma cultura patriarcal, foi depreciada, colocada em uma posição desumana.

No início do século XX, embora o sexo ainda fosse um assunto tratado com pudor e que inibia, Freud²² surge com investigações até então ignoradas, creditando a sexualidade papel fundamental no comportamento e nas relações interpessoais. Foi ele perseguido, criticado, contudo as suas pesquisas foi de grande importância no campo da sexualidade, assim como, na compreensão psíquica.

As últimas décadas foram favorecidas por grandes transformações, mudanças econômicas, religiosas, sociais, na ciência, aliadas a contribuições da Psicologia, Medicina, na valiação e no tratamento dos problemas do comportamento, refletiram-se nas atitudes de homens e mulheres. O início do século XXI e o amadurecimento físico, emocional e sexual , nos trás novos padrões de conhecimento sobre o assunto e dando um novo lugar e destaque as mulheres que não se calam e buscam uma vida sexual mais satisfatória. Em muitas culturas a mulher não se permite mais a denominação de frigida recorre e busca as causas das suas disfunções. Aquelas que ainda sofrem algum tipo de perseguição e de disfunção se permitem hoje a uma busca mais apurada.

Diversas áreas na contemporaneidade começam a reconhecer, neste início de século XXI, que a experiência, o amadurecimento físico e emocional, o conhecimento sobre o assunto , a intimidade em uma relação sexual, junto a outros fatores são fundamentais para o bem estar geral .

21 21 FUCAULT.M. História da sexualidade 1: Vontade de saber. 3ª edição, RJ:Graal.1980

22 FOUCAULT.M. História da sexualidade 1: Vontade de saber. 3ª edição, RJ:Graal.1980.